

O PARQUE INDÍGENA DO XINGU E ADJACÊNCIAS: Artes, Culturas e Domínios Fitogeográficos em confluência¹

THE XINGU INDIGENOUS PARK AND ADJACENCES: Arts, Cultures and Phytogeographic Domains in confluence

EL PARQUE INDÍGENA XINGU Y LAS AJUSTES: Artes, culturas y dominios fitogeográficos en confluencia

Poliene Soares dos Santos Bicalho

Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, GO, Brasil. E-mail: poliene.soares@gmail.com

Adriana Aparecida Silva

Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, GO, Brasil. E-mail: ueg.adriana@gmail.com

Kaio André dos Santos Cordeiro

Discente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Anápolis, GO, Brasil. E-mail: kaioascordeiro@gmail.com.

João Maurício Fernandes Souza

Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPG STMA) da Universidade Evangélica de Goiás, Anápolis, GO, Brasil, GO, Brasil. E-mail: joaomfsouza@gmail.com

Josana de Castro Peixoto

Docente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER) da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (PPG STMA) da Universidade Evangélica de Goiás, Anápolis, GO, Brasil. E-mail: josana.peixoto@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa objetiva identificar as áreas de disjunção entre os domínios fitogeográficos Amazônico e Cerrado, bem como as fitofisionomias características deste último presentes na região do Parque Indígena do Xingu (PIX), tendo em vista o mapeamento e a análise dos povos indígenas que nele vivem, e também em suas adjacências, com foco em suas artes e culturas mais expressivas na atualidade. Acredita-se que estes povos podem apresentar semelhanças, quanto à cultura material, com outros povos do Cerrado; é o que se pretende averiguar enquanto hipótese de trabalho; além de

questionar a ideia de homogeneidade cultural entre as onze etnias que vivem atualmente no Alto Xingu. Os eixos norteadores deste estudo possibilitaram o conhecimento e a análise da obra Karl von den Steinen. Um século de antropologia no Xingu, organizado por Vera Penteadó Coelho (1993), que disponibiliza vários estudos sobre o PIX, seus povos, culturas, artes e territórios. A partir de um diálogo profícuo entre a História, a Geografia, a Biologia e a Antropologia, buscou-se melhor situar as regiões de domínios de Cerrados no interior do Parque, através de pesquisa cartográfica e documental. A evidente separação florística das florestas da região amazônica, do Cerrado e aquelas situadas na região de tensão ecológica mostra que a distância geográfica e a heterogeneidade ambiental atuam sobre a distribuição das espécies ao longo dos trechos florestais destas paisagens. O fato de onze povos distintos, no Alto Xingu, e outros cinco, localizados no Baixo e Médio Xingu, e que ao todo comportam as dezesseis etnias do Parque Indígena do Xingu, estarem dividindo o mesmo território, estabelecerem trocas culturais recorrentemente e terem, ao longo do tempo, apreendido a fazer coisas similarmente às que outros grupos desse mesmo aglomerado fazem, não significa que determinadas diferenças não tenham permanecido, isto é, embora existam semelhanças culturais entre eles, não se pode pensar em ausência de diferenças e em homogeneidade cultural absoluta.

Palavras-chave: Parque Indígena do Xingu; Fitogeografias; Povos Indígenas; Diversidade Cultural.

ABSTRACT

This research aims to identify the areas of disjunction between the Amazon and Cerrado phytogeographic domains, as well as the phytogeographies characteristic of the latter present in the Xingu Indigenous Park (PIX) region, in view of the mapping and analysis of the indigenous peoples living in it, and also in their surroundings, focusing on their most expressive arts and cultures today. It is believed that these peoples may have similarities, in terms of material culture, with other peoples of the Cerrado; it is what we intend to ascertain as a working hypothesis; in addition to questioning the idea of cultural homogeneity among the eleven ethnic groups that currently live in the Upper Xingu. The guiding axes of this study enabled the knowledge and analysis of the work Karl von den Steinen. A century of anthropology in the Xingu, organized by Vera Penteadó Coelho (1993), which offers several studies on the PIX, its peoples, cultures, arts and territories. From a fruitful dialogue between History, Geography, Biology and Anthropology, it was sought to better locate the regions of Cerrados domains within the Park, through cartographic and documentary research. The evident floristic separation of the forests of the Amazon region, the Cerrado and those located in the region of ecological tension shows that the geographical distance and the environmental heterogeneity act on the distribution of species along the forest stretches of these landscapes. The fact that eleven different peoples, in the Upper Xingu, and five others, located in the Lower and Middle Xingu, and that altogether comprise the sixteen ethnic groups of the Xingu Indigenous Park, are sharing the same territory, establishing cultural exchanges repeatedly and having, at the same time, over time, apprehended to do things similar to what other groups in the same cluster do, does not mean that certain differences have not remained, that is, although there are cultural similarities between them, one cannot think of absence of differences and of absolute cultural homogeneity.

Key-words: Xingu Indigenous Park; Phytogeographies; Indian people; Cultural

diversity.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo identificar las áreas de disyunción entre los dominios fitogeográficos del Amazonas y el Cerrado, así como las fitofisiognomías características de este último presente en la región del Parque Indígena Xingu (PIX), en vista del mapeo y análisis de los pueblos indígenas que viven en él, y también en su entorno, centrándose en sus artes y culturas más expresivas de hoy. Se cree que estos pueblos pueden tener similitudes, en términos de cultura material, con otros pueblos del Cerrado; es lo que pretendemos determinar como hipótesis de trabajo; Además de cuestionar la idea de homogeneidad cultural entre los once grupos étnicos que actualmente viven en el Alto Xingu. Los ejes rectores de este estudio permitieron el conocimiento y el análisis del trabajo de Karl von den Steinen. Un siglo de antropología en el Xingu, organizado por Vera Penteadó Coelho (1993), que ofrece varios estudios sobre el PIX, sus pueblos, culturas, artes y territorios. A partir de un fructífero diálogo entre Historia, Geografía, Biología y Antropología, se buscó ubicar mejor las regiones de los dominios Cerrados dentro del Parque, a través de la investigación cartográfica y documental. La evidente separación florística de los bosques de la región amazónica, el Cerrado y los ubicados en la región de tensión ecológica muestra que la distancia geográfica y la heterogeneidad ambiental actúan sobre la distribución de especies a lo largo de los tramos forestales de estos paisajes. El hecho de que once pueblos diferentes, en el Alto Xingu, y otros cinco, ubicados en el Bajo y Medio Xingu, y que comprenden en total los dieciséis grupos étnicos del Parque Indígena Xingu, comparten el mismo territorio, establecen intercambios culturales repetidamente y tienen, al mismo tiempo, Con el tiempo, aprehender a hacer cosas similares a lo que hacen otros grupos en el mismo grupo, no significa que no se hayan mantenido ciertas diferencias, es decir, aunque hay similitudes culturales entre ellas, no se puede pensar en la ausencia de diferencias y en la absoluta homogeneidad cultural.

Palabras-clave: Parque Indígena Xingu; Fitogeografías; Gente India; Diversidad cultural.

INTRODUÇÃO

“...o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior”.
Guimarães Rosa, Grande Sertões: Veredas (2019)

O Parque Indígena do Xingu (PIX), os povos indígenas e a disjunção entre os domínios fitogeográficos Amazônico e Cerrado do território são os objetivos centrais deste artigo. Para tanto, ao longo de dois anos, realizou-se significativa pesquisa bibliográfica e documental, além do mapeamento e a análise dos povos indígenas que vivem no Parque, com foco em suas artes e culturas mais expressivas na atualidade. Como hipótese de trabalho, acredita-se que estes povos podem apresentar semelhanças,

quanto à cultura material, com outros povos do Cerrado.

Contudo, buscou-se questionar a ideia de homogeneidade cultural entre as onze etnias que vivem atualmente no Alto Xingu, recorrentemente apontada em pesquisas e *sites* especializados. Os eixos norteadores deste estudo possibilitaram o conhecimento e a análise da obra Karl von den Steinen. Um século de antropologia no Xingu, organizado por Vera Penteadó Coelho (1993), que disponibiliza vários estudos sobre o PIX, seus povos, culturas, artes e territórios.

Ainda sob a perspectiva metodológica, realizou-se um diálogo profícuo interdisciplinar com o objetivo de identificar os domínios fitogeográficos no interior do Parque, por meio de pesquisa cartográfica e documental. Para a construção da pesquisa foram utilizados documentos relativos à institucionalização de políticas ambientais e culturais. Os documentos incluídos nesta categoria são: Constituição Federal de 1988, Política Nacional de Meio Ambiente e o documento que versa sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de 2007.

Documentos oficiais também foram analisados, como o Decreto de criação do Parque, possibilitando um panorama a respeito dos conceitos, discursos e conteúdo presentes nos documentos. Para a confecção dos mapas temáticos, foram utilizadas as bases cartográficas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Agência Nacional de Águas (ANA e MAP Biomas, 2018); após o levantamento e análise dos dados, estes foram elaborados em *software* SIG, agrupando as informações disponibilizadas em mapas temáticos, que ilustram a localização do Parque, principais rios e povos do Xingu, bem como sua localização na faixa de transição entre os domínios fitogeográficos Amazônico e Cerrado.

UM POUCO DA HISTÓRIA DE CRIAÇÃO DO PARQUE INDÍGENA DO XINGU

O Parque Indígena do Xingu (PIX) está localizado no estado do Mato Grosso, região nordeste, em uma “enorme mancha verde de floresta muito conservada, literalmente ilhada em um mar de pastagens, plantios e solos expostos de áreas desmatadas e abandonadas” (ISA-ALMANAQUE, 2011, p. 13). Esta floresta

conservada é permeada por dois dos principais e maiores domínios fitogeográficos do Brasil, em uma “zona de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica” (*Idem*).

Na década de 1940 foi criada a Expedição Roncador-Xingu, quando também começaram as especulações quanto à criação do Parque Indígena do Xingu. Os irmãos Villas-Bôas (Orlando, Cláudio e Leonardo) participavam da Expedição, atuando, principalmente, nos trabalhos de contato com os povos indígenas da região do rio Xingu e adjacências, são eles as personagens não indígenas que, fundamentalmente, têm maior destaque na história de criação do PIX. Os primeiros indígenas da região do Alto Xingu a serem contatados pela Expedição Roncador-Xingu, juntamente com os irmãos Villas-Bôas, foram os Kalapalo e os Narovutu, enquanto “...os Kisedje (Suia), os ikpeng (Txicao) e os Panara foram, respectivamente, as últimas etnias a serem contatadas” (ISA-ALMANAQUE, 2011, p. 39).

Se o foco da Expedição Roncador-Xingu era abrir estradas, pista de pouso, melhorar a logística entre o Rio de Janeiro (então capital do país) e Manaus, abrir bases militares, explorar minérios etc., a preocupação que os irmãos Villas-Bôas, juntamente com as Universidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, esboçavam era com os efeitos negativos de toda esta nova expansão colonizadora sobre os territórios indígenas da região. Ainda que sob o princípio questionável, atualmente, de ‘pacificação’, a partir das diretrizes estabelecidas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), a atuação dos irmãos Villas-Bôas foi extremamente importante, naquele cenário, para a sobrevivência dos povos indígenas e da floresta daquela localidade. Segundo Cao Hamburger, diretor do filme Xingu, em entrevista a Carlos Helí de Almenida, “O Orlando Villas-Bôas dizia que eles não eram contra o progresso, mas que para crescermos não é preciso destruir e modificar tudo” (2012).

Preocupados com esse desdobramento da empreitada colonizadora, é que os irmãos Villas Bôas, aliados a universidades do Rio de Janeiro e São Paulo e lideranças políticas mais progressistas passaram a cogitar a delimitação de um espaço reservado para os povos indígenas ameaçados. A ideia, porém, encontrou resistência de setores interessados no mercado de terras, principalmente daquelas em poder do governo federal (ISA-ALMANAQUE, 2011, p. 42).

Foi neste contexto de Marcha para o Oeste que surgiram parques indígenas, semelhantes ao Parque Indígena do Xingu, criado em 1961 – mas que teve sua ideia

lançada entre as décadas de 1940 e 1950, durante o processo de penetração territorial rumo ao interior do país – onde indígenas de diferentes etnias foram misturados sem se considerar a existência, como premissa, da diversidade sociocultural e a existência de algumas etnias rivais. O Parque surgiu, legalmente, a partir do Decreto Nº 50.455, de 14 de abril de 1961, com uma área de, aproximadamente, “22 mil quilômetros quadrados”, ou seja, 2,2 milhões de hectares (dez vezes menor do que a área estipulada inicialmente)”, de acordo com o ISA (2011, p. 47). Segundo o referido decreto,

Art 1º Fica criado, no Estado de Mato Grosso, o Parque Nacional do Xingu,

subordinado diretamente à Presidência da República.

Art 2º A região destinada a este Parque, situada no vale do rio Xingu, e ao longo deste, consistirá de um Polígono irregular, com a área aproximada de 22.000 quilômetros quadrados, compreendida dentro dos limites prováveis seguintes, tendo como orientação a Carta Internacional ao Milionésimo, do I.B.G.E., datada de 1959:

"Ao Norte o segmento do paralelo de 10º de latitude Sul. Ao Sul, por uma linha paralela que partindo da confluência dos Rios Culiseu e *Kuluene*, se aprofunda de leste para Oeste, até encontrar o Rio *Ronuro*.

A leste, por uma linha imaginária ligando a confluência dos rios Culiseu e *Kuluene* ao segmento do paralelo de 12º Latitude Sul em um ponto que dista 40 Km da margem direita do Rio *Kuluene*, daí, sempre nesta profundidade, prolongando-se pelo rio Xingu em toda a sua extensão de sul para Norte até encontrar o segmento do paralelo de 10º latitude Sul.

A oeste, por uma linha imaginária que liga o Rio Ronuro, no encontro da linha paralela que o liga a confluência dos Rios Culiseu e *Kuluene*, ao segmento do paralelo de 12º Latitude Sul, distando este ponto 40 km da margem esquerda do Rio *Kuluene*; daí, sempre nesta profundidade, prolongando-se, prolongando-se pelo Rio Xingu em toda a extensão sul norte até o segmento do paralelo de 10º Latitude Sul". (DECRETO Nº 50.455, de 14 de abril de 1961).

Os limites do Parque, contudo, foram alterados por dois outros decretos: Decreto nº 68.909, de 13 de julho de 1971 e o Decreto nº 82 263, de 13 de setembro de 1978, em decorrência de interesses políticos e particulares que permearam a história do Parque desde suas origens. Deste modo, a área total do Parque Indígena do Xingu foi modificada ao longo do tempo, constando, atualmente, da seguinte configuração:

Hoje, o que se chama de Parque Indígena do Xingu é um território de 2.825.470 hectares, formado pelas áreas contíguas das terras indígenas

Parque Indígena do Xingu (com 2.642.003 hectares), Batovi (5.159 ha), Wawi (150.328 ha) e Pequizal do Naruvôtu (27.980 ha), que compartilham a mesma gestão político-administrativa. Com área equivalente ao território do estado de Alagoas, o PIX incide em parte dos municípios mato-grossenses de Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Ubiratã e Marcelândia (ISA-ALMANAQUE, 2011, p. 27).

Um dos objetivos desta pesquisa foi mapear estas zonas de disjunção entre os domínios fitogeográficos Amazônico e Cerrado, afim de verificar e analisar a presença indígena em ambos, de modo a perceber aproximações e distanciamentos entre povos e culturas dentro e fora do Parque, pois, intercomunicam-se intensivamente. Deste modo, não se pode afirmar que haja plena homogeneidade cultural entre os povos do interior do PIX, especialmente os do Alto Xingu, ao contrário.

O fato de onze povos distintos, no Alto Xingu, e outros cinco, localizados no Baixo e Médio Xingu, e que ao todo comportam as dezesseis etnias do Parque Indígena do Xingu, estarem dividindo o mesmo território, estabelecerem trocas culturais recorrentemente e terem, ao longo do tempo, apreendido a fazer coisas similarmente às que outros grupos desse mesmo aglomerado fazem, não significa que determinadas diferenças não tenham permanecido, isto é, embora existam semelhanças culturais entre eles, não se pode pensar em ausência de diferenças.

POVOS E CULTURAS INDÍGENAS DO ALTO XINGU: O LEGADO DE KARL VON DEN STEINEN

Os livros *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura* (FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001) e *Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu*, organizado por Vera Peteado Coelho (1993), formam o escopo bibliográfico central da pesquisa em tela. A partir destas duas obras, que têm como objetivo um olhar atento sobre os povos indígenas do Parque Indígena do Xingu, principalmente aqueles que habitam a região do Alto Xingu, foi construído todo o direcionamento central das análises e considerações gerais, tendo em vista os objetivos e hipótese levantados. A intenção central da primeira obra é a de justamente reforçar a hipótese de que os povos e culturas altoxinguanas apresentam muito mais características diversificadas e distintas do que comumente se acredita.

A segunda obra retrata a figura de Karl von den Steinen e a sua importância para o surgimento e posterior consolidação de uma Etnologia do Brasil. As suas viagens pelo interior do país, e os primeiros contatos com povos que hoje habitam o Parque Indígena do Xingu, foram detalhadamente documentadas, e servem, ainda hoje, de referência para pesquisadores dos povos indígenas daquela região. Contudo, compreende-se que a vida e obra deste homem de ciências¹, cuja formação era extremamente diversificada e completa, são hoje revisitadas sem as devidas atualizações. Por exemplo, a visão que se construiu sobre os altoxinguanos como a de povos homogêneos culturalmente deve muito aos relatos de von den Steinen, e que vêm sendo reproduzidos, muitas vezes, sem os devidos cuidados.

Sobre essa perspectiva, da homogeneização cultural dos povos altoxinguanos, percebida por Karl von den Steinen e reproduzida por diversos outros pesquisadores que se dedicaram ao tema posteriormente – e que esta pesquisa questiona – a autora Inge Thieme (In: COELHO, 1993), amparada nos próprios documentos de Karl von den Steinen, legados à posteridade, evidencia as impressões do etnólogo ao estabelecer os primeiros contatos com os indígenas da região, em suas duas viagens (1884 e 1887-88), as mesmas que contribuíram para a formulação da premissa de um suposto nivelamento cultural:

Já em 1884, von den Steinen havia constatado um grande nivelamento cultural que se observava em toda a área visitada. Agora, na segunda viagem, confirmou-se este quadro: todas as tribos caribes, nuaruaques, tupis e, em muitos aspectos, também os trumais e os suiás, da primeira viagem, apresentam semelhanças culturais, que se verificaram:

- na apresentação visual: os homens, de estatura mediana, com cordéis pela cintura, faixas de algodão ou de palha pelos tornozelos, braços e abaixo dos joelhos; cortavam o cabelo em forma de uma calota, com uma tonsura no alto da cabeça; usavam enfeites plumários nas orelhas perfuradas e diademas ou capacetes igualmente de penas. As mulheres vestiam o uluri, caprichosamente elaborado da entrecasca rija de uma árvore; seus cabelos eram cortados somente na parte da frente, caindo-lhes pelas costas. Todos se enfeitavam com colares confeccionados de casca de árvores, conchas, sementes e pedras, e se untavam ou pintavam de cor preta (fuligem) ou vermelha (urucum) e tiravam todos os pelos do corpo, inclusive os cílios;
- na cultura material: o formato e acabamento das habitações,

¹ Para maiores detalhes, ver: Síntese biográfica de Karl von den Steinen, por Marianne Schefold – von den Steinen. (In: COELHO, 1993, p. 19-28); e THIEME, Inge. Karl von den Steinen. Vida e Obra. (In: COELHO, 1993, p. 35-108).

construídas ao redor de uma praça central reservada às reuniões masculinas e festas coletivas, casas de flautas do centro da praça, gaiola da harpia, utensílios domésticos, armas e ferramentas, equipamentos cerimoniais (flautas, chocalhos, zunidores, bastões e estandartes de dança, entre outras coisas, todavia, apresentando diferenças no acabamento);

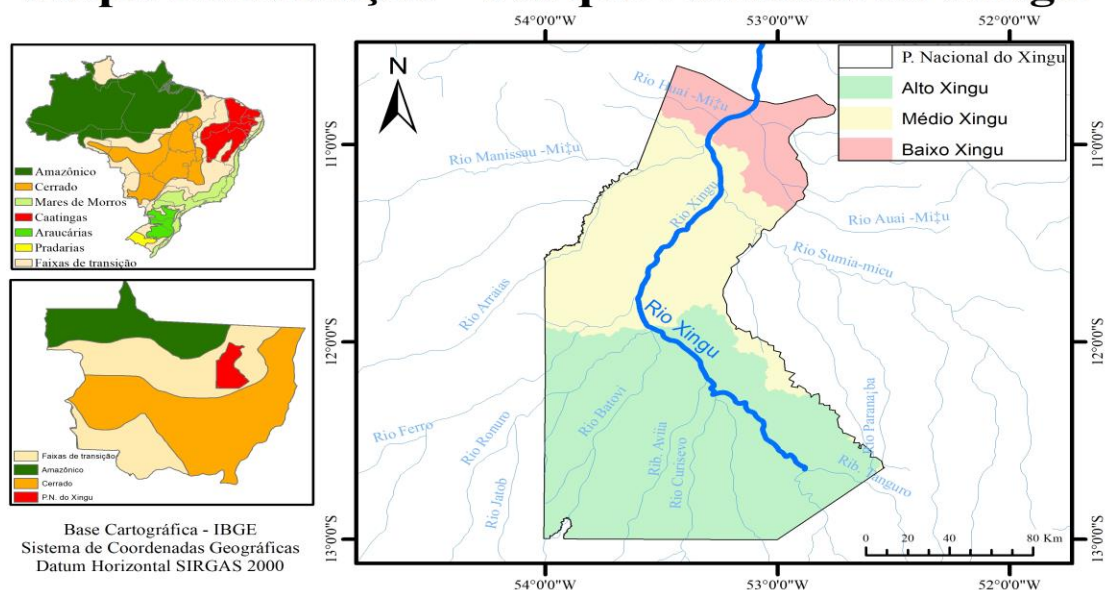
- na economia: baseada na pesca e, em menor escala, na caça, assim como na agricultura, cujos principais cultivos eram a mandioca e o milho;
- nas representações gráficas: assimilação do motivo merexu por todos. (THIEME, In: COELHO, 1993, p. 66)

São esses aspectos homogeneizantes da cultura de dez grupos étnicos distintos que, logo mais abaixo, começou-se a questionar, de modo a evidenciar que, embora existam semelhanças culturais entre eles, não se pode pensar em ausência de diferenças. Como a própria Thiene afirma, logo após esta longa citação, “esta homogeneidade cultural não excluía diferenças, entre as várias tribos, devidas a condições específicas do meio, habilidades próprias na manufatura de determinados objetos, tradições e *know-how*, favorecendo um intrincado sistema de troca intertribal.” (THIEME, In: COELHO, 1993, p. 66)

Os povos indígenas que habitam o Parque estão localizados em uma área dividida em três grandes subáreas: Alto Xingu (região sul), Médio Xingu (região central), e Baixo Xingu (região norte). (Figura 1)

Figura 1: Mapa de localização do Parque Nacional do Xingu, Brasil.

Mapa Localização - Parque Nacional do Xingu



Segundo Ferreira *et al.* (1999), o bioma Amazônico é dividido em ecorregiões, mapeando essa mesma vegetação ecotonal como "ecorregião das florestas secas do Mato Grosso", que também se sobrepõe àquela definida como área de tensão ecológica por Veloso *et al.* (1991). Em estudos de Ivanauskas *et al.* 2008, no qual relacionou solo-clima-vegetação, sugeriram a denominação de Floresta Estacional Perenifólia para as florestas do Alto Xingu, na borda sul-amazônica.

Na região do Alto Xingu, a vegetação de transição é descrita como uma vegetação ecotonal, onde as espécies florestais ombrófilas e estacionais se misturam aleatoriamente, sem estarem associadas a um determinado tipo de clima, solo e/ou relevo. Ressalta-se, por Kunz *et al.* (2009), que diante da dificuldade de um mapeamento detalhado na área de contato entre a Floresta Ombrófila, a Floresta Estacional e o Cerrado, estudos florístico-comparativos, como análises de agrupamento, são de extrema importância para reconhecer a identidade fitogeográfica destas regiões.

A cobertura vegetal desta região, observada na Figura 1, é constituída majoritariamente pelas florestas do bioma Amazônico, porém, ainda abrange uma área de transição com o Cerrado na porção localizada mais ao sul da bacia, denominada Floresta Estacional Perenifólia, por apresentar uma composição florística própria, embora seja uma Floresta Estacional, conforme apresentado em estudos de Ivanauskas *et al.* (2008) sobre análise da similaridade florística entre florestas do Alto Rio Xingu, da Bacia Amazônica e do Planalto Central.

Observou-se a dificuldade de um mapeamento detalhado na área de contato entre a Floresta Ombrófila, a Floresta Estacional e o Cerrado, conforme retratado em estudos de Kunz e colaboradores (2009). Fazem-se necessários estudos florístico-comparativos, como análises de agrupamentos para reconhecer a identidade fitogeográfica do Alto Xingu e as outras subáreas.

Ainda assim, a nítida separação florística das florestas do Cerrado, da região amazônica e aquelas situadas em uma região de tensão ecológica mostra que a heterogeneidade ambiental e a distância geográfica atuam sobre a distribuição das espécies ao longo dos trechos florestais (Kunz, 2009). A separação da Floresta Estacional Perenifólia dos demais tipos florestais confirma a flora própria que esta fitofisionomia possui (Ivanauskas *et al.* 2008), embora mantenha algum laço florístico com as florestas estacionais semidecíduais monodominantes.

Pesquisas florísticas são necessárias para esclarecimentos quanto à identificação da Floresta Estacional Perenifólia, o que poderá permitir conclusões acerca dessa fitofisionomia, bem como da área de abrangência da mesma. O entendimento do ambiente abiótico onde está inserida a Floresta Estacional Perenifólia é igualmente importante, uma vez que sua relação com a vegetação pode melhor elucidar a distinção florística dos demais tipos vegetacionais em uma área que é considerada de transição, conforme apontado também por Kunz *et al.* (2009).

A região sul abriga povos considerados semelhantes culturalmente, uma apreensão que também se pretende problematizar a partir da leitura e análise da obra *Os povos do Alto Xingu: História e Cultura*, organizada por Bruna Franchetto e Michael Heckenberger (2001). De acordo com Júlio César Mellatti (2002), ao resenhar o referido livro, “O propósito geral do volume é o de romper com a imagem de um Alto Xingu de passado totalmente desconhecido antes da primeira expedição de Karl von den Steinen em 1884 e, após a mesma, socialmente estático e culturalmente homogêneo” (p. 216).

O volume tem por tema os alto-xinguanos propriamente ditos, hoje reduzidos a três povos falantes de línguas aruak (Waurá, Mehinako e Yawalapiti), quatro de línguas karib (Kuikuro, Kalapalo, Matipu/Nahukwá e Bakairi), dois de línguas tupi (Kamayurá e Aweti) e um de língua isolada (Trumai), que pautam sua vida sobre um fundo cultural comum, mas se mantêm étnica e politicamente distintos, ainda que vários deles reconheçam em seu seio a existência de descendentes de povos desaparecidos. À exceção dos Bakairi, que hoje vivem nas cabeceiras de tributários dos rios Teles Pires e Arinos, todos estão na metade meridional do Parque Indígena do Xingu. (MELATTI, 2002, p. 216)

Ora, se linguisticamente estamos tratando de povos distintos, advindos de troncos linguísticos específicos, este é um ponto crucial para se questionar a abordagem homogeneizante das culturas e dos povos do Alto Xingu. A partir da distinção linguística, observa-se que outras variáveis culturais também podem se manter entre estes povos, ao longo do tempo, pois, embora venham estabelecendo trocas previstas e naturais entre si, de tal modo que os contatos e as fronteiras culturais são recorrentes, não se deve partir de um pressuposto que nega aspectos diferenciadores permanecendo entre eles.

Neste sentido, corrobora conosco Alcida Rita Ramos, ao afirmar, em seu clássico livreto *Sociedades Indígenas*, que “não há duas sociedades indígenas iguais” (1995, p. 11). Logo, se não há duas sociedades indígenas iguais, não há culturais iguais, povos iguais, pessoais iguais. Ainda nesta perspectiva, podemos extrair, de uma passagem de *Grandes Sertões: Veredas*, epígrafe deste artigo, o clássico de Guimarães Rosa, esta mesma percepção em relação às pessoas: “...o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior” (2019, p. 24).

Se as pessoas nunca estão prontas, menos ainda estão as coletividades indígenas e não indígenas, principalmente em situações de intenso contato interétnico, cuja vivência se realiza com intensas trocas intertribais, contudo, isso não significa que as culturas, ao estabelecerem relações entre si, deixem completamente para trás o que elas são, em sua essência. Imaginem tal situação no interior do Parque Indígena do Xingu, que abriga, provavelmente desde sua criação oficial em 1961, 16 etnias específicas, com troncos e famílias linguísticas distintas entre si.

A primeira vez que esta abordagem cultural homogeneizante dos povos indígenas do Alto Xingu nos incomodou foi numa banca de defesa de trabalho de conclusão de curso, no final do ano de 2017. A aluna extraiu esta informação literalmente de um *site*, o Instituto Socioambiental (ISA), que, ao tratar dos povos indígenas do Xingu, se expressa nestes termos:

O Parque Indígena do Xingu engloba, em sua porção sul, a área cultural conhecida como Alto Xingu, formada pelos povos Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Trumai, Waujá e Yawalapiti. Apesar de sua variedade linguística, esses povos caracterizam-se por uma grande similaridade no seu modo de vida e visão de mundo. Estão ainda articulados em uma rede de trocas especializadas, casamentos e rituais inter-aldeões. Entretanto, cada um desses grupos faz questão de cultivar sua identidade étnica e, se o intercâmbio cerimonial e econômico celebra a sociedade alto-xinguana, promove também a celebração de suas diferenças. (ISA-Instituto Socioambiental)

Ora, o fato de essas culturas, que comportam onze povos distintos, no Alto Xingu – sem falar nos outros cinco, localizados no Baixo e Médio Xingu, Ikpeng, Kaiabi, Kisêdjê, Tapayuna e Yudja, e que ao todo comportam as dezesseis etnias do

Parque Indígena do Xingu – estarem dividindo o mesmo território e estabelecerem trocas culturais recorrentemente, e terem, ao longo do tempo, apreendido a fazer coisas similarmente às que outros grupos desse mesmo aglomerado fazem, não significa que determinadas diferenças entre eles não tenham permanecido. Neste sentido, o quadro abaixo evidencia algumas dessas características específicas entre os povos do Parque.

QUADRO 1²: Os Povos Indígenas do Xingu e suas características específicas

	POVOS	TRONCO/ FAMÍLIA	CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS
Alto Xingu (Região Sul)	Waurá	Aruak	<p>Panelas de cerâmica (mulheres) e cestos originais (homens); uso de arco, flecha e tingui para pesca; produzem sal; fabricam cocares e brincos com plumagens para momentos cerimoniais (Homens); os derrubam a mata e plantam e as mulheres carregam a produção e produzem os alimentos; produz óleo de pequi;</p> <p>Casas circulares circundadas por praça central com casa de flautas;</p> <p>Principais produtos: cerâmica, máscaras, cestaria;</p> <p>Mulheres: exímias ceramistas.</p>
	Mehinako	Aruak	<p>Colhem pequi, plantam algodão e fabricam sal vegetal;</p> <p>Alimentação: pesca e plantação;</p> <p>Artesanato: tigelas de madeira e panelas de cerâmica ornamentadas;</p> <p>Divisão do trabalho: Homens (mundo externo) e mulheres (mundo doméstico);</p> <p>Principais produtos: bancos de madeira, cestaria; cerâmica, remos;</p>
	Yawalapiti;	Aruak	<p>Pesca é atividade masculina, e usam rede, anzol, flecha e timbó; os homens limpam queima e limpam as roças; as mulheres colhem e preparam os alimentos; fiam o algodão, tecem redes e esteiras, prepararam o óleo de pequi, o urucum e o jenipapo para ornamentação (mulheres); constroem casas e fabricam todos os objetos de madeira e cestaria (homens); festa dos mortos (karup); produzem óleo de pequi;</p> <p>Casas circulares circundadas por praça central com</p>

		<p>casa de flautas sagradas;</p> <p>Principais produtos: redes, colares, miniaturas em madeiras, bancos, cintos.</p>
Kuikuro,	Karib	<p>Fabricação de colares e contos; produzem óleo de pequi;</p> <p>Aldeias circulares com praça central;</p> <p>Casas: malocas de base ovalada;</p> <p>Liderança: Há mais de um chefe e mulheres podem ser chefes;</p> <p>Unidade de produção: família nuclear;</p> <p>Artesanato: especialistas na fabricação de colares e cintos.</p> <p>Pinturas corporal e objetos da cultura material: utilizam urucum, jenipapo, argila branca e carvão vegetal;</p> <p>Principais produtos: bancos, colares, cestos, brinquedos em madeira;</p>
Kalapalo,	Karib	<p>Produzem óleo de pequi;</p> <p>Produziam flechas e ornamentos de pedra no passado;</p> <p>Principais produtos: colar de caramujo.</p>
Matipu/ Nahukwá	Karib	<p>Produzem óleo de pequi;</p> <p>Produção de algodão;</p> <p>“Fabricam cabaças, contas de concha vermelhas e adornos entalhados em noz de tucum” (Steinen, 1984, p. 333 <i>apud</i> DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 70);</p>
Kamayurá	Tupi/Tupi Guarani	<p>Produzem óleo de pequi;</p> <p>Excelência no fabrico de redes pesca;</p> <p>Uso de remédios em rituais;</p> <p>Execução do Karup: “...especialidade dos camaiurás, embora grupos caribes e aruaques participem e algumas vezes patrocinem o festival” (DOLE, In: COLEHO, 1993, p. 390).</p> <p>Principais produtos: cestos, bancos, colares, redes, máscaras.</p>
Aweti	Tupi/Aweti	<p>Casas coletivas circulares;</p>

			Especialistas em produzir sal vegetal;
	Trumai ²	Língua isolada	Produzem óleo de pequi; Liderança formal forte; “Produziam sal a partir do jacinto d’água e tabaco, fabricavam machados de pedra” (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 70) Semelhanças com os Jê do leste brasileiro: “pintura corporal composta por padrões geométricos em negro; expedições sazonais de caça e sua tecnologia peculiar; um inusitado processamento primitivo de mandioca; existência de mulheres sexualmente e livres (<i>wantons</i>); estrutura social dual” (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 71)
Médio Xingu (Região Central)	Ikpeng	Karib	Produzem óleo de pequi; Principais produtos: bordunas, bolsas etc.
	Tapayuna	Macro Jê/Jê	
	Kisêdjê,	Macro Jê/Jê	Produzem óleo de pequi; Principais produtos: colares, cestos, esteiras, bordunas.
Baixo Xingu (Região Norte)	Yudja (Juruna)	Tupi/ Juruna	Principais produtos: cerâmica, bancos, flautas.
	Kawaiweté ou Kaiabi	Tupi/Tupi Guarani	Principais produtos: colares de tucum, cestaria, bordunas.

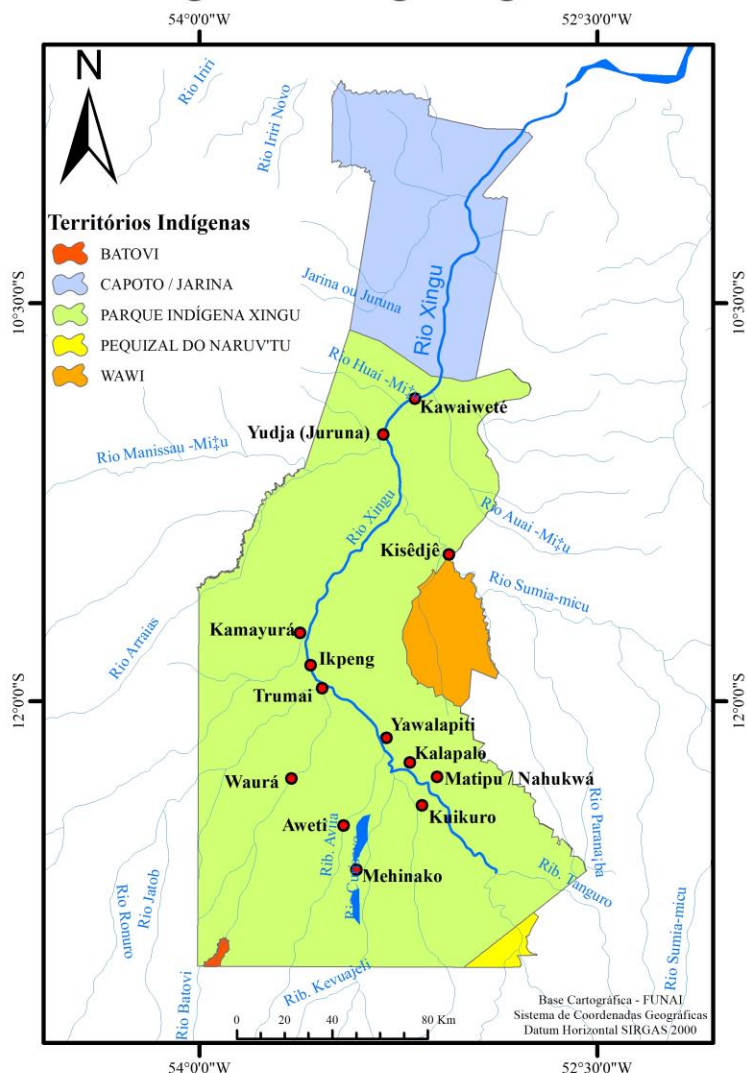
Organização: Bicalho, P. S.S. (2020)

Fonte: Almanaque Parque Indígena do Xingu (2011); ISA – Instituto Socioambiental; MELATTI, 2002; DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001); DOLE, In: COELHO, Vera Penteadó (Org.),1993.

Afinal, tratam-se de povos que, embora possam estar em contado desde a pré-história xinguana, e que, a partir da formação do PIX (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001), em 1961, tenham estreitado mais ainda estes laços, com os intercâmbios cultural e econômico, há entre eles, certamente, características étnicas distintas, evidenciadas na forma de se organizar social, cultural, linguística e economicamente, que persistem em vários aspectos, apesar das ressignificações de características culturais originais, que vem ocorrendo nas últimas décadas. O Quadro 1, apresentado acima, evidencia algumas destas características, separando esses povos por áreas ocupadas no PIX, tronco e família linguística.

² Habitam a área central do PIX, mas, culturalmente, pertence “ao complexo conhecido como Alto Xingu” (<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Trumai>. Acesso: 06/01/2020 às 14:23h)

Figura 2: Povos indígenas do Xingu e região limítrofe, Brasil.
Povos indígenas do Xingu e regiões limítrofes



A fronteiras culturais, tão estreitas (muitas vezes inexistentes) entre estes povos do Alto Xingu, e igualmente entre os povos que habitam áreas de Cerrado fora do Parque (Figura 2), certamente não podem ser tomadas como limitadoras e/ou eliminadoras das diversidades, pois, como ressalta Frederich Barth, “as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam... as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato interétnico e da interdependência dos grupos” (2000, p. 188). Mais além, este autor ainda observa:

...grupos étnicos persistem como unidades significativas apenas se aplicarem marcadas diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes. Contudo, onde indivíduos de culturas diferentes

interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores – melhor dizendo, uma similaridade ou comunidade de cultura (cf. Barth, 1966, onde se encontra minha argumentação a respeito). Assim, a persistência de grupos étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estrutura da interação que permite a persistência das diferenças culturais. (BARTH, 2000, p. 198).

Ao que se complementa nestes termos:

Hoje, as especialidades associadas à determinada etnia altoxinguana são mais tênues de marcar, embora ninguém negue a excelência das panelas waurá ou a harmonia dos colares kalapalo. A referência às tradicionais habilidades de cada um é reiterada, entretanto, com a instituição do *moitará*, palavra kamaiurá que se refere à troca comercial de bens entre anfitriões e convidados por ocasião dos encontros para festas e cerimônias. A permanência da prática do *moitará* marca a interdependência social, econômica e política dos grupos altoxinguanos, mesmo com a introdução de bens industrializados e o constante fluxo de índios assalariados dirigindo-se às cidades para fazer compras. (ISA-ALMANAQUE, 2011, p. 66-67)

Barth não toma como ponto de observação a realidade do PIX, contudo, o seu aporte teórico sobre as relações de contato, a partir da perspectiva das fronteiras étnicas, se ajusta de maneira muito precisa às experiências do intenso trânsito cultural existente entre as etnias do Alto Xingu, e nas áreas de Cerrado adjacentes ao Parque, de maneira a reforçar a hipótese central acima apresentada. O fato de estar em contato, em um mesmo território, onze grupos étnicos de origens e línguas distintas, não os tornam necessariamente iguais, não é um fator de diluição e/ou eliminação das diversidades.

Compreende-se, também, que nem o *site* do ISA toma para si esta perspectiva de forma unilateral e cabal, ao contrário, fala em similaridades entre estas culturas, mas, ao final, reforça que, ainda que similares, há traços étnicos distintos que evidenciam as diferenças. Contudo, o olhar por esta abordagem homogeneizante, especialmente entre os povos do Alto Xingu, tende a ser mais explicitado do que o olhar que enfatiza as diferenças que persistem entre eles, e é justamente nesse aspecto que esta pesquisa se destaca, ao buscar evidências que mais reforcem, em vez de obliterar, as diferenças.

Figura 3: Uso e ocupação do solo atual no Parque Nacional do Xingu, Brasil.

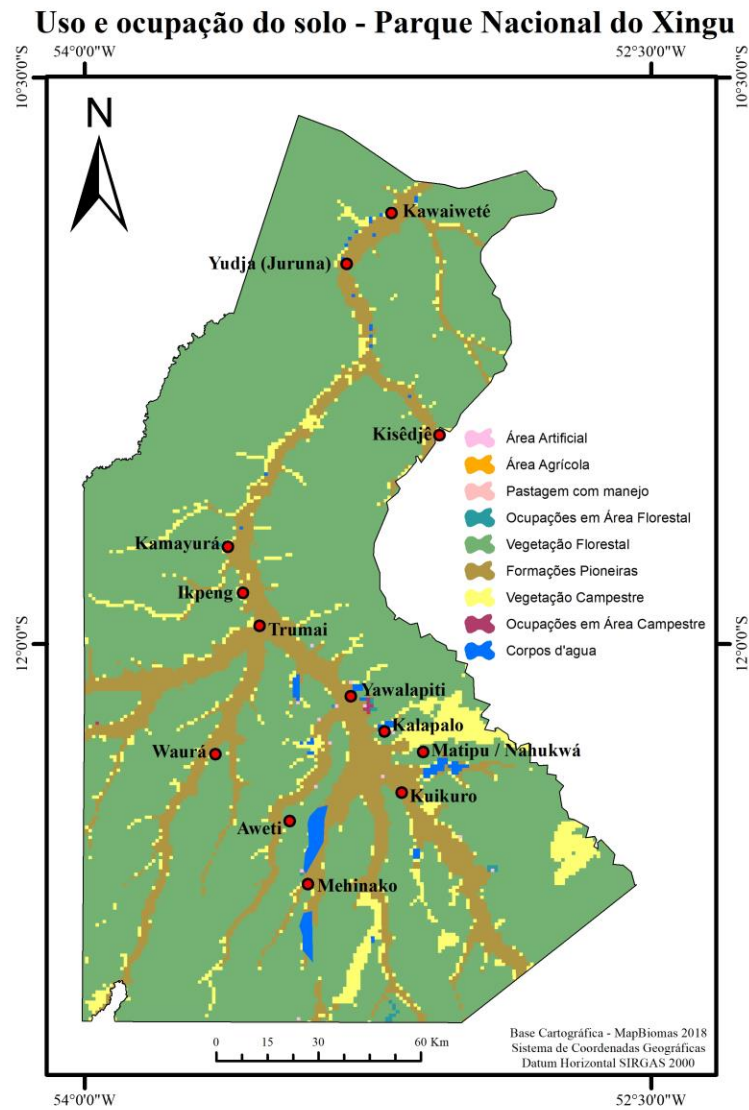
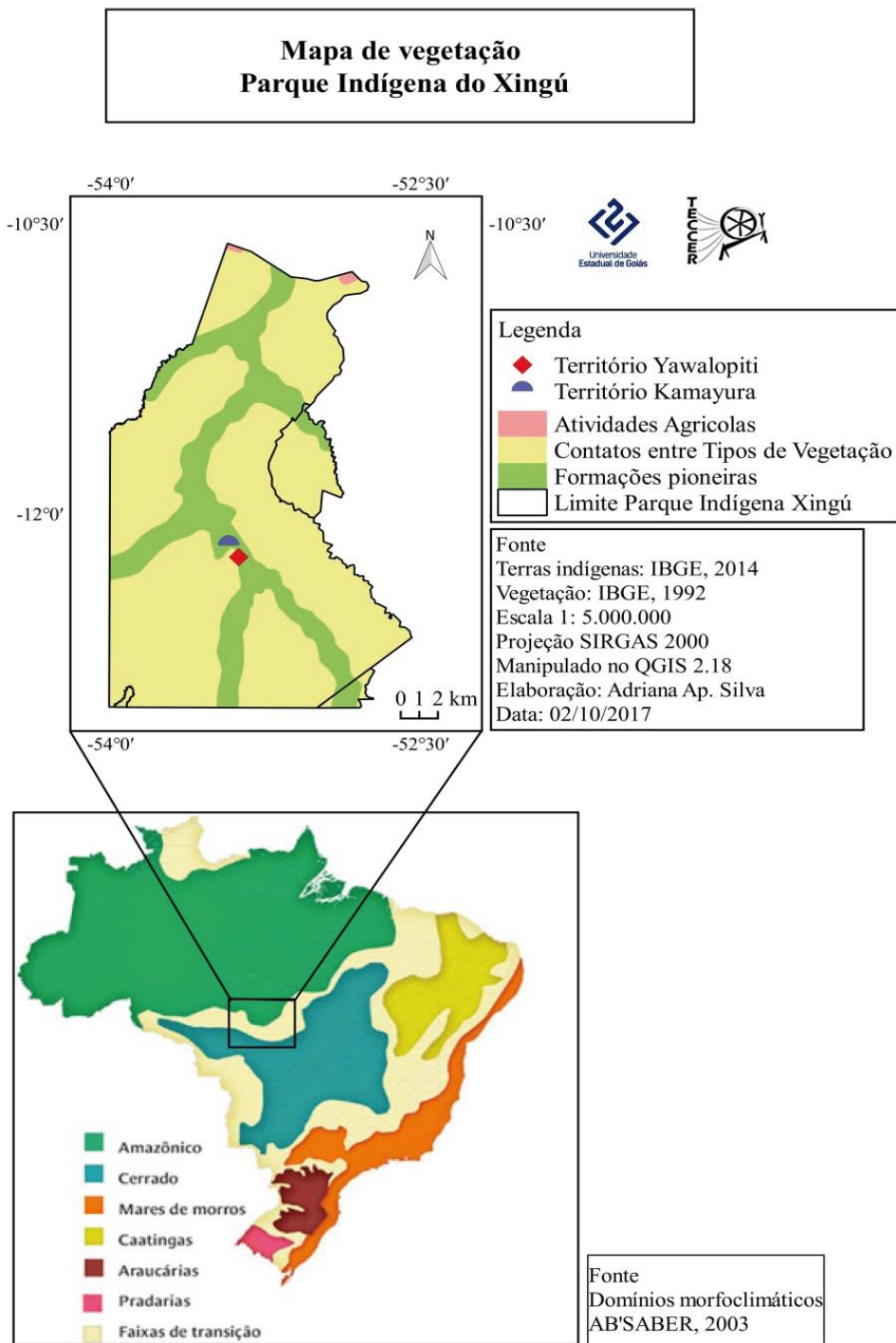


FIGURA 4: Mapa de Vegetação do Parque Indígena do Xingú e Adjacências e os principais povos indígenas



Há de se mencionar também as interações entre ambiente e sociedade, considerando o Parque e suas adjacências, assim como as influências (não

determinantes) do meio natural na cultura. Povos que habitam áreas de Cerrado, ou de disjunção entre os domínios fitogeográficos Amazônico e Cerrado, nas adjacências e proximidades geográficas, como os *Iny-Karajá*, os *A'uwe-Xavante*, os *Boe-Bororo*, os *Paresí*, os *Mebêngôkre/Mentuktíre-Kayapó*, entre outros, apresentam traços artísticos e culturais semelhantes aos de alguns povos do Alto Xingu sem ignorar as diversidades específicas de cada etnia.

A começar pelos materiais utilizados para a confecção do artesanato³ e de outros utensílios da cultura material, matérias primas estas que são comuns às vegetações de Cerrado, como o uso do urucum e do jenipapo para realização da pintura corporal e dos artefatos, como as painéis gigantes do Waurá e as bonecas *Iny-Karajá*, que são talvez os dois povos de tradição ceramista mais tradicionais do Brasil (RIBEIRO, 1989); ou mesmo os desenhos geométricos, que, de modo quase que genérico, apresenta motivos animais, comuns às diferentes etnias de dentro e de fora do Parque, como os *Yawalapití*, os *Iny-Karajá* e *Mebêngôkre/Mentuktíre-Kayapó*, entre outros.

Quanto à arte plumária, destacam-se nesta categoria, com excelência artística, povos do interior do Parque e de suas adjacências, com semelhanças e diferenças, mas com prováveis influências mútuas entre si, em decorrência dos meios social e natural, esta última, inclusive, em decorrência das vegetações típicas das fitogeografias dos dois domínios ambientais, o Cerrado e o Amazônico, tal como: oferta e aves de penas e cores diversas; arbustos essenciais para criação dos adornos; o barro apropriado para a feitura da cerâmica; as plantas típicas para retirada das tintas, além da fauna e da flora; etc.

Citam-se, a título de exemplo, os *Urubu-Kaapor*, os *Boe-Bororo*, os *Iny-Karajá*, os *Kayabí*, *Mebêngôkre/Mentuktíre-Kayapó*, os *Kaxináwa*, entre outros grupos altoxinguanos (NICOLA & DORTA, 1986), cujas plumárias e outros adornos artísticos são de beleza e técnica reconhecidas mundialmente, e com muitos pontos em comum entre si. As máscaras de líber demonstram que, em algum momento da história, essas trocas e influências ocorreram, mas, além delas, “os índios brasileiros fazem também máscaras de madeira, a exemplo dos índios xinguanos e os *Tapirapé*, de palha trançada,

³ A noção de artesanato aqui não se distancia da noção de arte de maneira mais geral e comumente aceita. Parte-se, para tanto, da visão do fundador da Bauhaus, o arquiteto Walter Gropius, em 1919, citada na obra AROMÉRI, por Alberto Nicola e Sônia Ferraro Dorta: “Não há diferença essencial entre o artesão e o artista; o artista é o artesão elevado a uma potência maior” (1986), e o artista nestes termos, existe em toda e qualquer cultura e/ou sociedade, indígena ou não, conforme o próprio Darcy Ribeiro ressalta, em texto denominado Arte Índia (1986).

também os xinguanos, os Karajá e os Timbira. Em todos os casos procuram retratar entes sobrenaturais. (RIBEIRO, 1989, p. 112)

A GUIA DE CONCLUSÃO

De acordo com Gertrude Dole, em capítulo publicado no livro *Os Povos do Alto Xingu, História e Cultura* (In: (FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001), talvez o maior responsável por esta visão tendente a destacar o caráter homogeneizante das culturas dos povos do Alto Xingu tenha sido o próprio Karl von den Steinen, em suas viagens pela região onde hoje se localiza o Parque. Nesta perspectiva foi que “grande parte da literatura etnográfica, pesquisadores que estudaram a região tenderam a interpretar o denominador comum de traços similares e complexos como algo que implicasse uma cultura única e homogênea” (2001, p. 63)⁴. Assim,

Se, por um lado, os povos do Alto Xingu interagem como uma unidade social máxima, por outro, nem a interação social nem as semelhanças culturais implicam necessariamente, uma cultura homogênea. Ao contrário, as culturas alto-xinguanas diferenciam-se umas das outras em muitos aspectos materiais, sociais e ideológicos; e os próprios participantes atribuem grande valor a essas diferenças. Isso é verdadeiro mesmo para os grupos dialetais no interior das unidades idiomáticas. Os kalapalo e os kuikuro, por exemplo, cujos dialetos apresentam diferenças sistemáticas em termos de vocabulário, sistema fonético e acento, possuem inúmeras práticas distintas, que são, pelo menos para os kuikuro, muito nítidas e dão origem, a fortes desconfianças e hostilidades latentes. (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 65)

Contudo, ainda segundo Gertrude Dole, “Embora integrados num sistema cultural regional, através de intercasamentos, dependência econômica e cooperação cerimonial, os xinguanos atribuem grande significação às numerosas diferenças materiais, sociais e ideológicas entre os diversos grupos locais” (2001, p. 63), como se pode observar no Quadro 1. As diferenças começam nas próprias línguas faladas pelos

⁴ Tradição, provavelmente iniciada por Karl von den Steinen (1886, 1894), endossada posteriormente por vários etnólogos, como Fritz Krause (1937); Eduardo Galvão (1953); Kalervo Oberg (1953); Robert Murphy e Quain (1955) e os irmãos Villas Boas (1973). (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 65).

dezesesseis grupos étnicos do Parque e, em específico, as onze etnias do Alto Xingu. Estas últimas, destaca-se, pertencem a três troncos linguísticos distintos (Aruak, Karib e Tupi), além dos Trumaí, cuja língua ainda é considerada isolada. Como a língua é, por essência, uma das partes mais integradas à cultura de um povo, observa-se, segundo Dole, que

...o fato de a diferença linguística ser uma barreira à comunicação e, conseqüentemente, à integração, faz com que seja considerada, critério suficiente, ainda que não necessário, de especificidade cultural. E a tal ponto que, quando um povo mantém uma língua distinta, diz-se possuir uma cultura própria. De todo modo, como fonte durável de informação cultural, a língua pode ser utilizada como um indicador relativamente confiável de identidade étnica e afiliação cultural. (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 66)

Quanto aos aspectos da cultura material e das relações econômicas entre os grupos do Alto Xingu, assim como de possíveis semelhanças com povos que habitam áreas de Cerrado adjacentes ao Parque, pode-se mencionar algumas especificidades entre os diferentes povos que habitam a região, segundo Gertrudes Dole (1993; 2001). Entre semelhanças e diferenças, a autora observa:

...este reconhecimento geral de semelhanças notáveis não significa que haja uma só cultura no Alto Xingu, como ficou implicado muitas vezes (Becker, 1969; Zarur, 1975; Villas-Boas e Villas-Boas, 1973: 16). Ao contrário, as tribos do Alto Xingu são diferenciadas linguisticamente, representando quatro stocks linguísticos, e muitos nativos, especialmente mulheres, não falam e nem compreendem mais que suas línguas maternas.... Uma língua, por definição, faz parte da cultura daqueles que a falam, e, na medida em que um grupo mantém uma língua distinta, ele, por definição, mantém uma cultura distinta.... Em vista da persistência tanto da autonomia quanto do isolamento linguístico e social do Alto Xingu, poder-se-ia esperar encontrar diferenças correspondentes em outros aspectos da cultura, que foram obscurecidos pela tendência de enfatizar a homogeneidade. De fato, os nativos mencionam prontamente numerosas diferenças materiais e ideológicas, entre a sua cultura e outras da área. (DOLE. In: PENTEADO, 1993, p. 378 e 380)

Neste sentido, Dole (1993; 2001) apresentou algumas especificidades observadas nas seguintes situações, além das apresentadas no Quadro 1: produção da cerâmica (povos Aruak); fabricação do sal (Waurá, Mehinako e Trumaí); artesanato de

colares e cintos (povos Karib); práticas de subsistência (Waurá e Kamayurá comem carne de paca, enquanto os grupos Karib não degustam mamíferos, salvo o macaco, cuja carne é considerada “única fonte de proteína adequada para mulheres parturientes.

Por outro lado, entre os camaiurás estes animais só são consumidos pelos homens velhos” (DOLE, 1993, p. 386)); cultivo da mandioca amarga, pratica comum entre todos os xinguanos, mas executada de forma distinta entre alguns povos (a maioria retira as toxinas, enquanto outros, como Kamayurá, apenas pulveriza a mandioca e faz o beiju); estrutura social (muitas semelhanças com povos de outras regiões, adjacentes ao Parque, como os Kayapó e os Karajá, alguns com lideranças escolhidas com mais formalidade e rituais (Mehinako), outros sem nenhuma formalidade (Kuikuro); prestígio e *status* social (para muitos, “deriva da autoridade hereditária”, outros valorizam muito a feitiçaria e a agressividade, como os grupos Karib); construção das casas: grandes (Kamayurá), ovais (grupos Karib) e circulares (grupos Aruak); rituais e cerimônias (mais complexos entre os grupos Aruak, mas os “kamayurá, no entanto, desempenham um papel maior que os outros grupos na condução do Karup” (DOLE, In: FRANCHETTO e HECKENBERGER, 2001, p. 73).

Há ainda dois aspectos importantes a se destacar: o papel do comércio/trocas como importante mantenedor das diferenças culturais; e a semelhança de algumas práticas rituais intertribais com povos de outras regiões e línguas, como os Jê do Cerrado, a exemplo dos Karajá e os Tapirapé, entre outros.

Contudo, sobre o primeiro ponto, Gertrude Dole observa que as especialidades de alguns grupos são mantidas, em meio a uma sociedade intertribal de intenso contato intétnico, em função de três aspectos básicos: diferenças de ambiente; cooperação intertribal; e pelo comércio/ganho econômico. Sobre este último ponto, a autora destaca que os grupos etnicamente diferenciados, que dividem uma ampla região, como os altoxinguanos e de áreas de Cerrado adjacentes ao Parque, tendem a

...manter um severo controle de seu artesanato, com vistas a ganho econômico, e que os monopólios são respeitados por causa do temor de zangar os especialistas. Portanto, nessa área, o comércio continua a perpetuar diferenças intertribais, em oposição à influência homogeneizadora dos casamentos intertribais e da cooperação cerimonial, à qual está ligado o comércio. (DOLE, In: COELHO, 1993, p. 384).

O Brasil apresenta uma das maiores biodiversidades do planeta, além de uma imensa diversidade étnica, linguística e cultural (DIEGUES *et al.*, 1999). No país, existem cerca de 240 povos indígenas, sendo mais de 69 deles considerados isolados e 274 línguas pertencentes a mais de 150 famílias linguísticas diferentes (FUNAI, 2016); e as etnias do Parque Nacional do Xingu e de suas adjacências incorporam a manutenção desta diversidade étnica, linguística e cultural, localizados em uma paisagem de fitogeografias importantes à manutenção da biodiversidade.

Neste cenário, é sempre muito perigoso falar em homogeneidade, o mais recomendado é pensar a diversidade com suas diferenças, aproximações, distanciamentos e influências, reais e absolutamente naturais entre povos, ambientes, sociedades e culturas. As fronteiras que separam esta diversidade são muito mais transponíveis e intermitentes do que se imagina, mas elas não eliminam diferenças e peculiaridades entre culturas, mais que isso, as ressignificam constantemente.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Carlos, Helí. Em ‘Xingu’, os irmãos Villas-Bôas são heróis imperfeitos. **Revista Veja**. 2012. In: <https://veja.abril.com.br/entretenimento/em-xingu-os-irmaos-villas-boas-sao-herois-imperfeitos/>. Acesso: 19/05/20120 às 11:53h.

BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000 (PDF);

COELHO, Vera Penteadó (Org.). **Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Edusp/Fapesp,1993.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V.; SILVA, V. C. F.; FIGOLS, F. A. B.; ANDRADE, D. Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil. *Climate Change 2013 - The Physical Science Basis*, p. 1–30, 1999.

DOLE, Gertrude. Homogeneidade e diversidade no Alto Xingu vistas a partir dos cuidados. In: COELHO, Vera Penteadó (Org.). **Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Edusp/Fapesp,1993, p. 373-403.

_____. Retrospectiva da história comparativa das culturas do Alto Xingu: um esboço das origens culturais alto-xinguanas. In: FRANCHETTO, Bruna & HECKENBERGER, Michael (org.). **Os povos do Alto Xingu—história e cultura**, Rio de Janeiro, UFRJ, 2001, p. 63-76.

DORTA, Sonia Ferraro; NICOLA, Norberto. **Aroméri: Arte plumária do indígena brasileiro - Brazilian indian feather art.** São Bernardo do Campo: Mercedes-Benz do Brasil S.A, 1986.

FRANCHETTO, Bruna & HECKENBERGER, Michael (org.). **Os povos do Alto Xingu—história e cultura**, Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.

FERREIRA, L.V., SÁ, R.L., BUSCHBACHER, R., BATMANIAN, G., SILVA, J.M.C., ARRUDA, M.B., MORETTI, E., SÁ, L.F.S.N., FALCOMER, J.; BAMPI, M.L. Identificação de áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade através da representatividade das unidades de conservação e tipos de vegetação nas ecorregiões da Amazônia Brasileira. In Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade da Amazônia brasileira: Programa Nacional da Diversidade Biológica. Seminário de Consulta, Macapá. <http://www.isa.org.br>, 1999. Acesso em 29 de abril de 2020.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Índios do Brasil: identidade e diversidade. Disponível em: www.funai.gov.br/index. Acesso em: 22/04/2020.

ISA (Instituto Socioambiental). **Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos** /. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. (PDF)

ISA - Instituto Socioambiental. **Povos Indígenas do Brasil.** In: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu#>. Acesso dia 02/01/2020 às 16h57min.

IVANAUSKAS, N.M., MONTEIRO, R; RODRIGUES, R.R. Classificação fitogeográfica das florestas do Alto Rio Xingu. 2008. Acta Amazonica 38:387-402.

KUNZ, S. H.; IVANAUSKAS, N. M.; MARTINS, S. V., SILVA, E.; STEFANELLO, D. Análise da similaridade florística entre florestas do Alto Rio Xingu, da Bacia Amazônica e do Planalto Central. Rev. bras. Bot., São Paulo, v. 32, n. 4, p. 725-736, Dec. 2009.

MELATTI, Júlio Cezar FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). 2001. **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 496 pp. **Mana**, vol.8 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2002.

RAMOS, Alcida Rita. **Sociedades Indígenas.** São Paulo: Ed. Ática, 1995.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, Linguagem Visual.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RIBEIRO, Darcy. Arte índia. In: Ribeiro, Darcy (Ed.). **Suma Etnológica Brasileira**, Vol. 3: Arte índia. Rio de Janeiro: Vozes, Finep, 1986.

VELOSO, H.P., RANGEL FILHO, A.L.R.; LIMA, J.C.A. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. IBGE, Rio de Janeiro, 1991.

1. Agradecimentos: “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001 (Convênio nº817164/2015 CAPES/PROAP)”.